



**DOMINICANOS
ARTE E ARQUITETURA PORTUGUESA
DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE**

COORDENAÇÃO

JOÃO ALVES DA CUNHA E JOÃO LUÍS MARQUES

**DOMINICANOS
ARTE E ARQUITETURA PORTUGUESA
DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE**

CAPA

Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima

Foto José Correia Nunes, 1965

EDIÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa

- Universidade Católica Portuguesa

Instituto São Tomás de Aquino

- Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

COORDENAÇÃO

João Alves da Cunha e João Luís Marques

TEXTOS

João Alves da Cunha

João Luís Marques

José Manuel Fernandes, OP

Paulo F. de Oliveira Fontes

Paulo Miranda

Pedro Castro Cruz

FOTOGRAFIA

Carlos Castro, Hugo Casanova,

João Alves da Cunha, João Luís Marques,

José Nunes Correia, Marco Bakker,

Rui Gonçalves Moreno, Teófilo Rego

DESIGN GRÁFICO

João Alves da Cunha e João Luís Marques

APOIO

Câmara Municipal de Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

AGRADECIMENTOS

Arquivo Geral e Histórico- Câmara Municipal do Porto

Arquivo- Mosteiro da Batalha

Arquivo- Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo- FAUP

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Fraternidades Leigas de São Domingos

Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

Fundação Manuel Leão- Casa da Imagem

Gehr Foundation

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica

Museu Nacional do Teatro e da Dança

Paróquia do Cristo Rei, Diocese do Porto

Paróquia do Olival, Diocese de Leiria-Fátima

IMPRESSÃO Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-972-8361-83-9

DEPÓSITO LEGAL

DATA maio de 2019

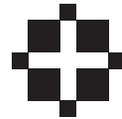
ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	
José Manuel Fernandes, OP	9
Paulo F. de Oliveira Fontes	13
UMA HISTÓRIA, QUATRO CAPÍTULOS	
João Alves da Cunha e João Luís Marques	25
FRADES NA RENOVAÇÃO DA ARTE E ARQUITETURA: PASSOS DOMINICANOS EM FRANÇA, ESPANHA E PORTUGAL	
João Alves da Cunha	31
CONVENTO DE CRISTO REI, PORTO	
João Luís Marques	43
IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, FÁTIMA	
Paulo Miranda	61
CAPELA DO SEMINÁRIO DO OLIVAL- ALDEIA NOVA, OURÉM	
João Alves da Cunha	77
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, LISBOA	
Pedro Castro Cruz	93



CONVENTO DE CRISTO REI, PORTO, c. 1954

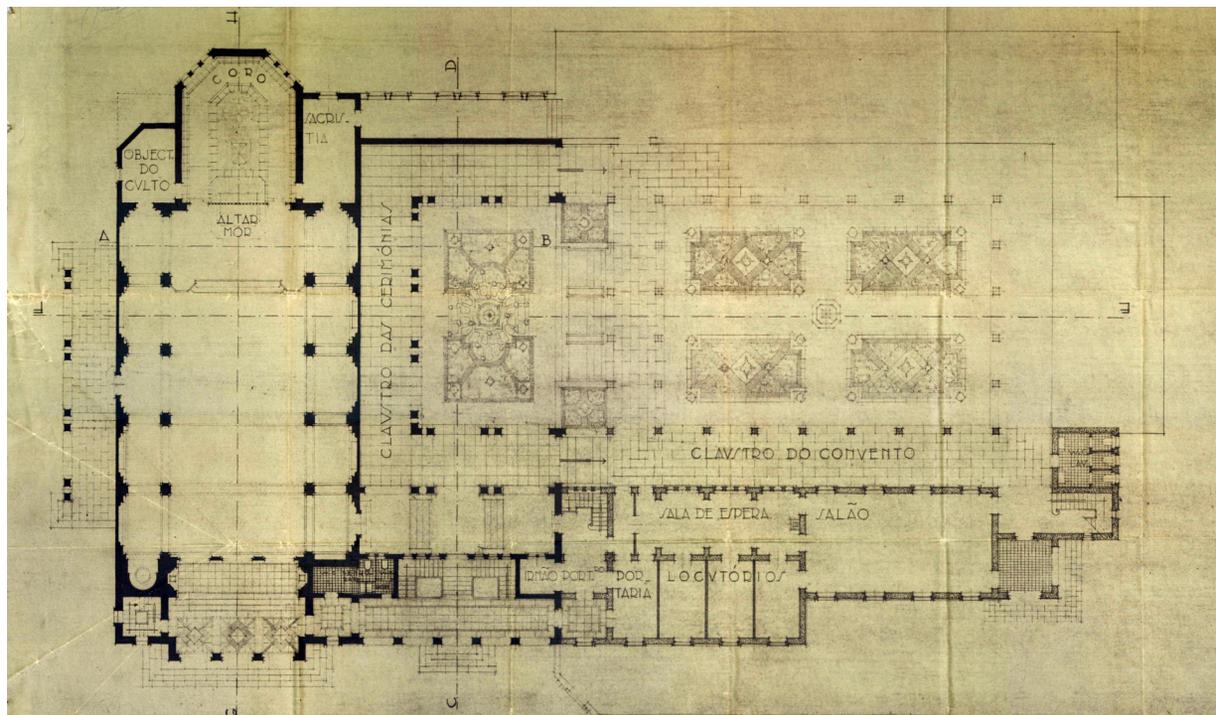
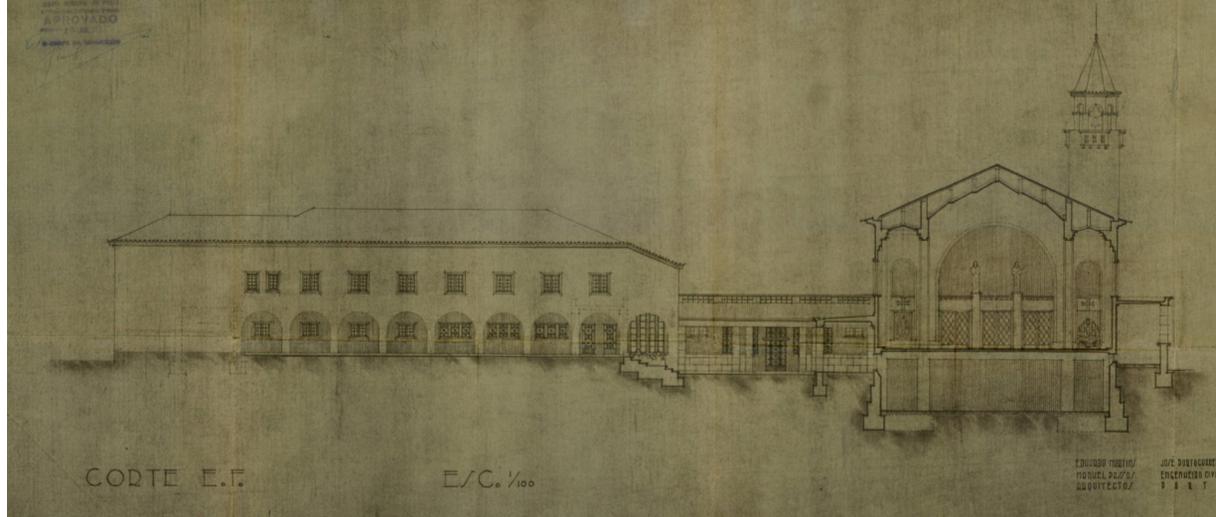
Foto Teófilo Rego, Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão PT_FML_TR_COM_833_001



CONVENTO DE
CRISTO REI, PORTO

João Luís Marques

PROJECTO DA CAPELA E CONVENTO PARA A ORDEM DOMINICANA NO PORTO



Projeto do Convento de Cristo Rei, Eduardo Martins e Manuel Passos Júnior, c.1950.
Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto



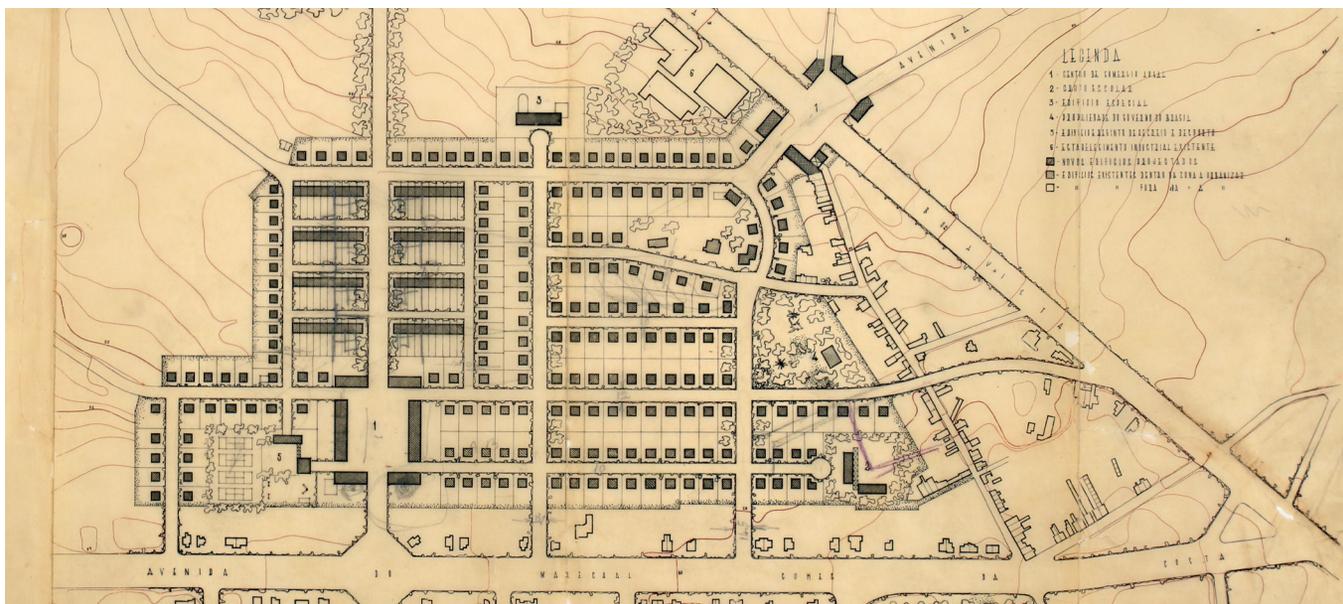
Do plano ao projeto

“A cidade destruiu-o, justo era que a cidade o reconstruísse. Daí, talvez a razão ou justificação histórica da justa e grande esmola que o Porto deu à Ordem de S. Domingos, este naco de terra inculta que estamos a ver e a calcar neste momento.”¹

Foi nestes termos que em 1951, na cerimónia de bênção da primeira pedra do convento dominicano, se pronunciou publicamente o dr. Luís de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto (1945-1949) no período em que foram feitas diligências que levaram à cedência do terreno à avenida Marechal Gomes da Costa², negociada a partir de 1948, justamente o ano em que Fernando Távora integrou os serviços camarários da cidade. A escassez de clero diocesano e a vontade de algumas das comunidades religiosas expulsas na 1ª República (e, noutros casos, de novas comunidades) se (re)estabelecerem nos grandes centros urbanos, justificam que tenhamos assistido ao seu envolvimento na prestação de assistência religiosa/educativa em zonas de expansão urbana, ao longo do século XX. A proposta de instalação definitiva da comunidade dominicana na proximidade da Foz é representativa deste movimento, que contou com a envolvimento inicial de D. Agostinho de Jesus



Avenida Marechal Gomes da Costa, c.1950.
A igreja vista no interior do bairro, c. 1955.
Arquivo da Província Portuguesa
da Ordem dos Pregadores



Plano de urbanização, c.1945.
Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto

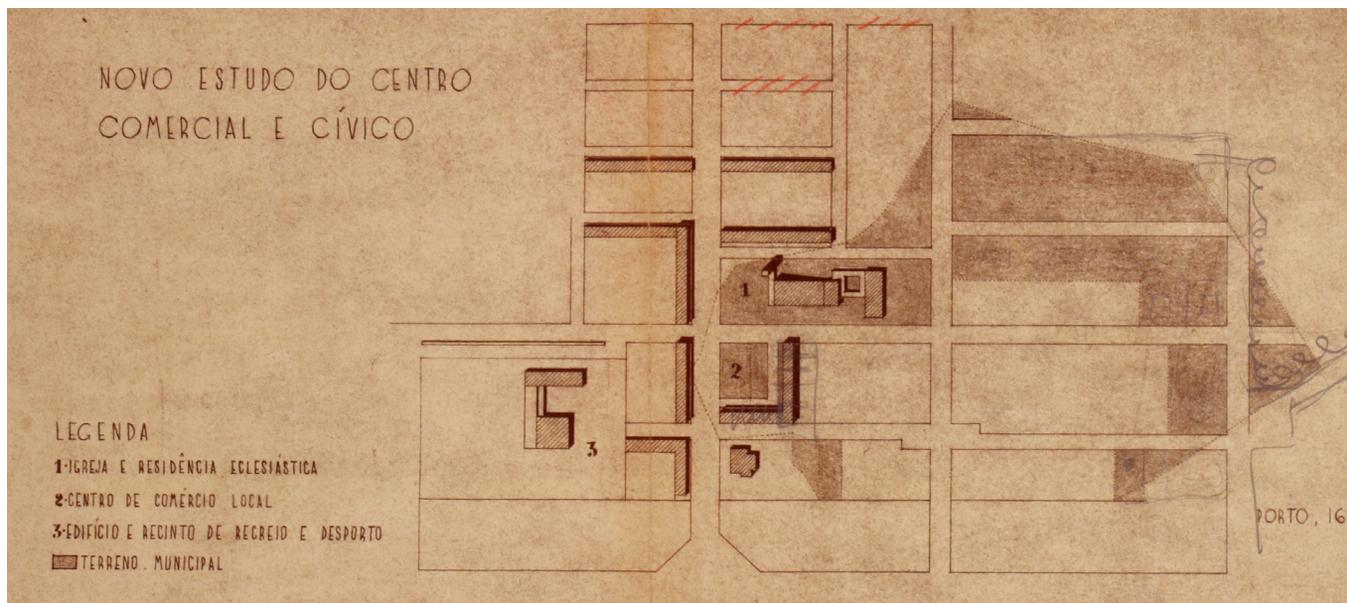
e Sousa e, posteriormente, de D. António Ferreira Gomes. Os dominicanos celebravam regularmente na capela da Casa de Serralves, apesar de estarem instalados numa residência junto ao Jardim do Carregal desde 1937. Pouco a pouco cresceria junto à avenida Marechal Gomes da Costa uma comunidade que reclamaria a construção de um espaço de culto próprio.

Tratava-se de uma zona que reunia condições especiais para a urbanização conforme fora identificado pela equipa que estudava a urbanização da cidade ainda na década de 1940. No caso particular da avenida Marechal Gomes da Costa foram equacionadas diversas possibilidades de implantação do equipamento religioso nos anos seguintes.

Em 1947, uma planta de estudo do agrupamento de casas económicas a construir a nascente daquela avenida, junto à quinta de Serralves, sugeria a implantação de uma igreja isolada, fronteira à praça ajardinada do centro do bairro, o largo D. João III. Dez anos depois, no ano lectivo 1957-1958, Fernando Távora lançaria aos seus alunos do Curso Especial trabalho semelhante, propondo “uma capela” para esse largo. Os trabalhos de Fernando Abrunhosa de Brito e de João Hermenegildo Pestana integraram a Exposição Magna daquele ano.³

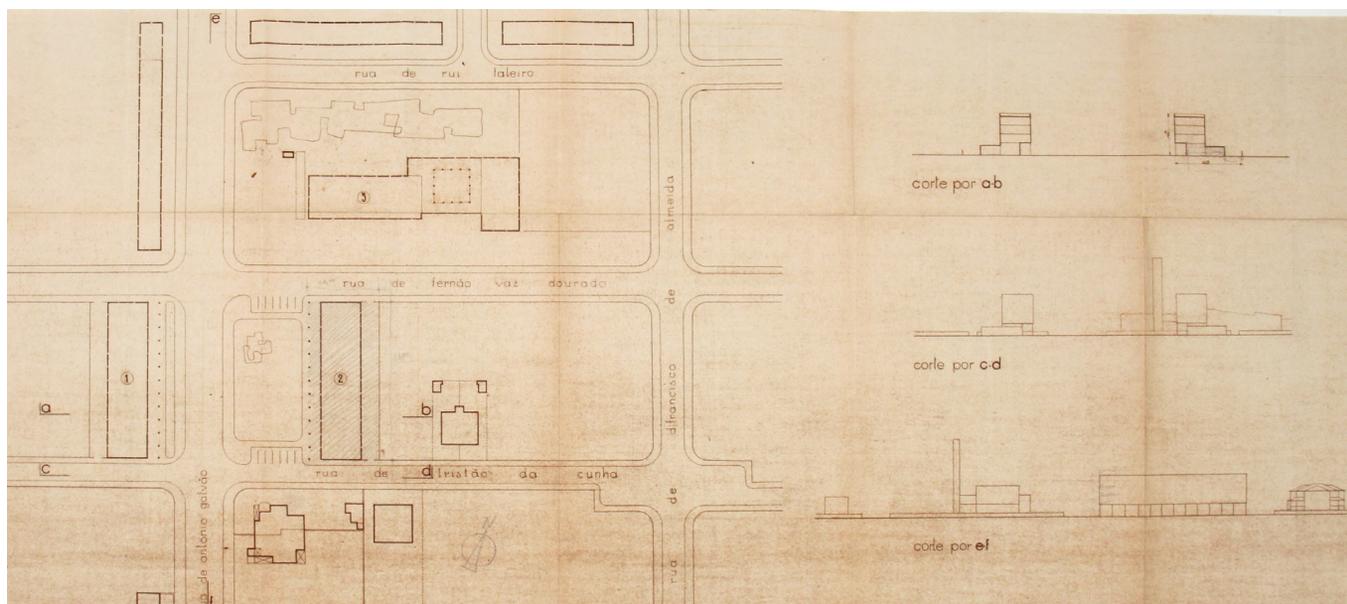


Pormenor do Plano de Urbanização 'Gomes da Costa', Mai.1950.
Arquivo da Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores



Novo estudo do Centro Comercial e Cívico, 1948.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto



Centro Cívico e Comercial, Fernando Távora, 1949.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto

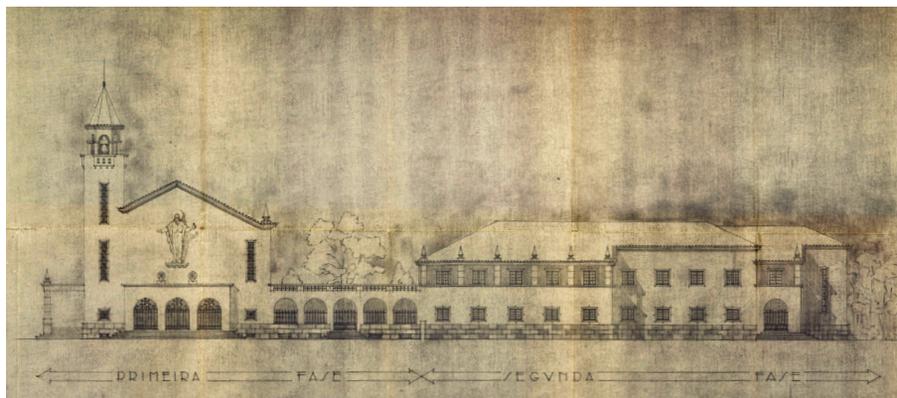
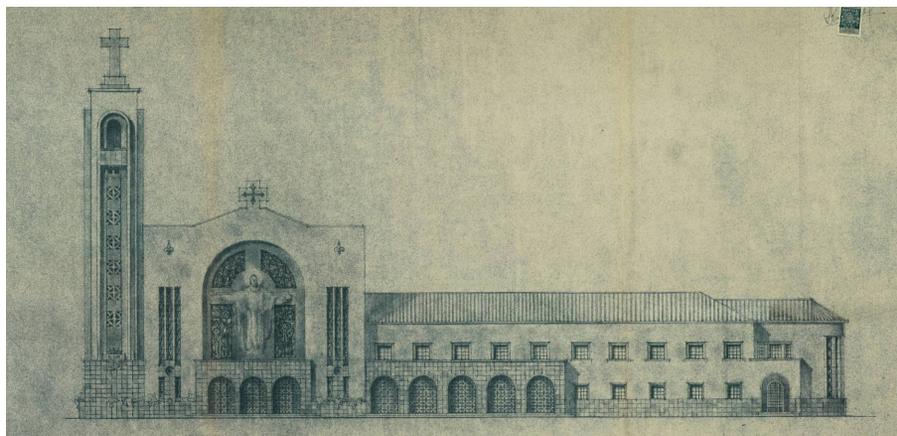
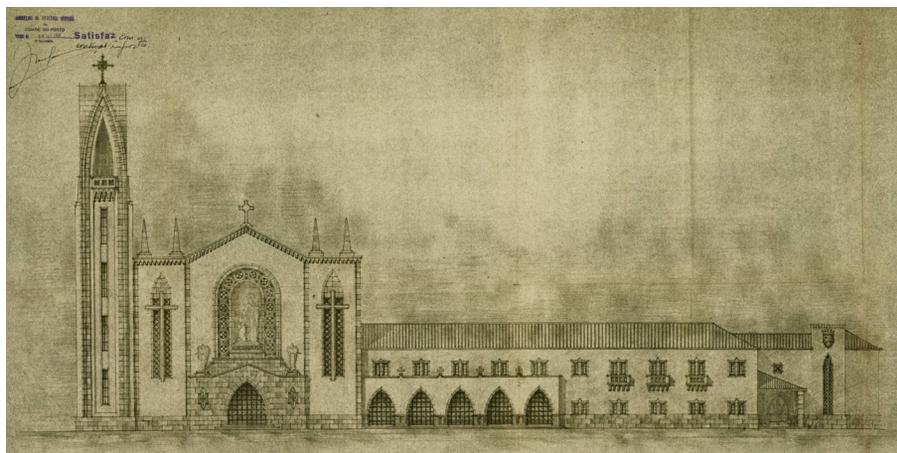
Plano de urbanização

Paralelamente ao estudo de 1947 desenvolvia o Gabinete de Estudos do Plano Geral de Urbanização o estudo de urbanização do lado poente da avenida.

No bairro do lado poente, composto por moradias unifamiliares, isoladas e em banda, previa-se a construção de um grupo escolar e dum outro ‘edifício especial’ (não identificado no estudo) de remate a eixos de arruamentos interiores do bairro, conforme a tendência urbanística corrente à época. O projecto do bairro de moradias seria dotado de um pequeno centro para comércio local, na proximidade de uma zona de recreio e desporto – uma praça atravessada pela ligação da avenida Gomes da Costa à avenida da Boavista. Esta praça seria conformada, em todos os seus lados, por blocos com comércio, não sendo dominada por nenhum equipamento urbano singular, conforme sugere a planta da “Divisão de talhões e alinhamentos, do Plano Parcial de Urbanização entre as Avenidas da Boavista e Marechal Gomes da Costa” que integra uma pasta datada de 1945, existente no arquivo Histórico da CMP.

Foi na revisão deste projecto de urbanização em 1948 que, em vez da igreja paroquial, surgiu o convento dominicano implantado junto ao centro comercial local, conforme documenta a planta de cedência do terreno municipal de aproximadamente 7500 m² – um quarteirão que seria limitado por ruas em todo o perímetro. Ainda que este desenho date de Dezembro daquele ano e apresente apenas a parcela para edificação, em Abril o “novo estudo do centro comercial e cívico” contemplava já uma ‘igreja e residência eclesiástica’ para aquele mesmo lote, uma solução muito próxima da que Fernando Távora assinaria em 1949.

Este plano reduziu o número de edifícios previstos nos estudos iniciais. Se em meados da década de 1940, eram seis os blocos que limitavam o centro atravessado longitudinalmente pela rua, e no de 1948 o centro resultava de uma conjugação de blocos e moradias em banda incluindo já a igreja, na versão de 1949 Fernando Távora propõe apenas dois blocos, frente a frente, destinados a acolher comércio, escritórios e habitação. Os blocos, nascente e poente, partilhariam uma mesma solução volumétrica e funcional, nomeadamente ao nível da definição da galeria comercial porticada no rés do chão e a sugestão dos aproveitamento de terraços para as habitações na cobertura, conferindo uma certa unidade a todo conjunto. O projecto de Távora lançaria premissas que foram consideradas nos projectos futuros,



Estudos para a fachada principal do convento, Eduardo Martins e Manuel P. Júnior, c.1950.
Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto



como no do moderno bloco de habitações desenvolvido no lado nascente da praça por Pereira da Costa.⁴ Este, seria um dos corpos que rematariam quarteirões de moradias unifamiliares modernas⁵, contribuindo para o aumento de escala das construções naquele espaço público pensado à escala do bairro. O espaço de praça – designação atribuída por Távora no estudo do centro cívico e comercial – surgia não como uma ilha mas como parte integrante do próprio quarteirão residencial, um espaço público cujo uso seria potenciado pelo comércio para ali proposto. A rua deixou de rasgar a praça, deslocada um pouco para nascente. “Sem nada escrever na memória descritiva sobre a igreja, Távora define-a no desenho, propõe uma volumetria e implanta-a paralela à praça, numa posição recuada, dando protagonismo ao adro dominado pela torre isolada.”⁶A evolução do projecto levou a uma redefinição do local da igreja que acabou por ser construída sobre a praça, problematizando o lugar e o modo como esta se apresenta à cidade. A este processo não terá sido indiferente o gosto conservador e o poder exercido pelo cliente, representado pelo Fr. Estevão da Fonseca Faria OP e pela comissão angariadora de fundos, presidida pelo futuro embaixador Portugal na Santa Sé, Dr. José Nosolini.⁷



A igreja em construção, c. 1952.
Arquivo da Província Portuguesa
da Ordem dos Pregadores



Modernidades em confronto na Praça D. Afonso V, Porto, c. 1954.

Foto Teófilo Rego, Casa da Imagem - Fundação Manuel Leão PT_FML_TR_COM_833_002





O interior da igreja do convento, c. 1955.
Arquivo da Província Portuguesa
da Ordem dos Pregadores

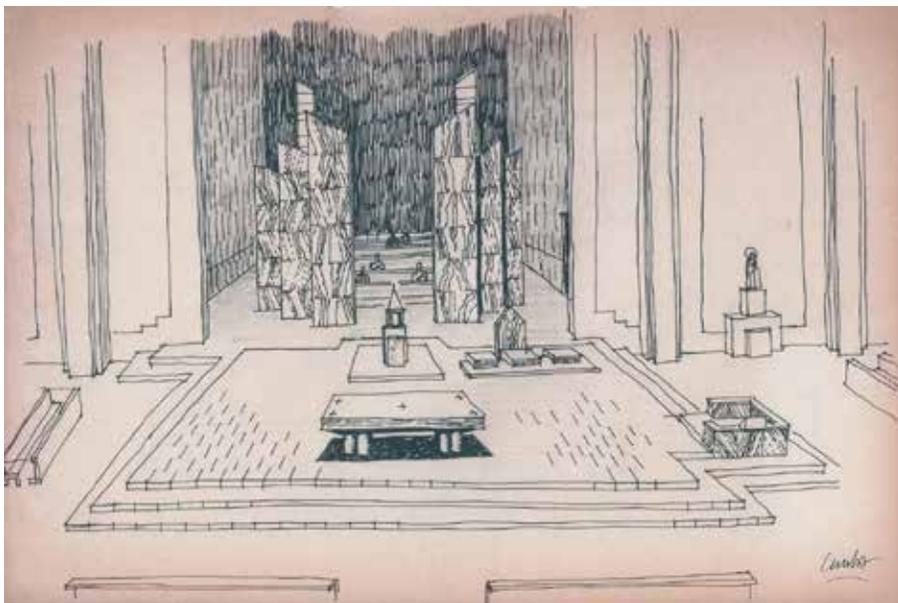


Com esta afirmação não pretendemos detrair o papel importante que naquele momento os dominicanos tinham no centro da Europa, reclamando a modernidade para a arte sacra, mas que só mais tarde acabaria por ser reclamada por aquela ordem em Portugal.⁸ Note-se que Távora foi chamado mais tarde para realizar um projecto, não construído, para a capela do Convento Dominicano de Fátima.⁹

Projeto de arquitetura

O projecto do convento de Cristo Rei elaborado no Porto ao longo da primeira metade da década de 1950, a linguagem e implantação adoptadas atraíam a concepção moderna do conjunto que Távora propusera e que a Comissão de Estética Municipal procurou a todo o custo defender. Em apreciação ao projecto de Manuel Passos Júnior e Eduardo Reis lê-se:

“A unidade, a harmonia e a escala de todos os elementos que intervêm na composição de qualquer conjunto urbano são expressões que têm, hoje, significado bem diferente. Trata-se, muito simplesmente, de conceber uma capela/convento para uma zona residencial de moradias, e não para uma zona monumental da cidade do Porto. (...) Metamo-nos, pois, à escala do conjunto e afastemo-nos de tudo quanto, tenda a emprestar, convencionalmente,



ao edifício a conceber, carácter religioso, gótico e românico são expressões do passado, mas se há que respeitar a tradição, sob qualquer aspecto, reportemo-nos, modestamente, à escala das nossas possibilidades (...). Nesta base e por esta via chegarão os arquitectos autores deste ante-projecto, sem trair os desejos manifestados pela Ordem de S. Domingos, a uma expressão mais actual, apenas porque será seguramente mais simples e modesta.” (...). [C]ompreendam pois os anseios desta Comissão que, nesta atitude, apenas pretende dignificar a arquitectura de hoje que, nos profissionais do norte, encontra o seu mais decidido baluarte.”¹⁰

Apesar da resistência das estâncias municipais o projecto foi aprovado e a primeira fase do convento inaugurada em Maio de 1954. As restantes fases idealizadas, que fechariam o claustro, não chegariam a ser construídas. As diferentes linguagens do convento e dos blocos fronteiros encobrem hoje a proposta moderna de Távora que dotava o bairro de um pequeno espaço de encontro e sociabilização da população, incluindo lugar destinado à prática religiosa – um programa que ia ao encontro das preocupações debatidas no CIAM 8 em que Távora participara como observador. Sobre a discussão havida nesse congresso recordou em entrevista: “O tema era o core, interpretado como o coração, o centro. Não referido somente ao centro urbano mas



Proposta de remodelação do presbitério,
Luiz Cunha, 1972.

Arquivo da Província Portuguesa
da Ordem dos Pregadores

Pormenor do presbitério

Foto Carlos Castro, 2018



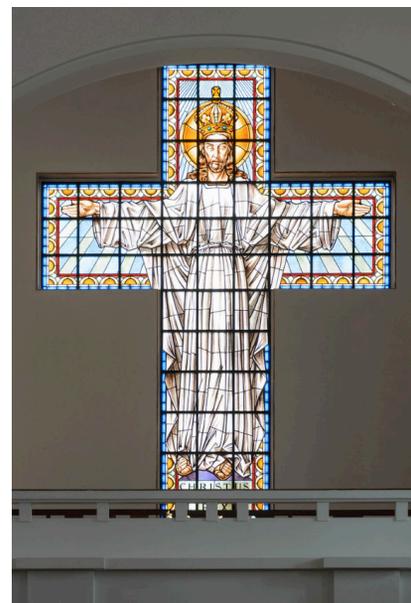
Naves, presbitério e coro dos frades.

Foto Carlos Castro, 2018



especialmente ao problema da necessidade do centro em qualquer nível de organização de arquitectura e urbanismo.(...) uma visão muito ampla arquitectónica, urbanística e humana da necessidade do core como elemento de vida espontânea ou organizada, individual ou colectiva.”¹¹

No ano anterior, 1953, o convento de Cristo Rei tinha integrado a exposição “Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras e de alguns dos seus discípulos” apresentada na Escola Superior de Belas Artes do Porto. A fotografia de Teófilo Rego ali apresentada revelava um olhar centrado na obra de Eduardo Reis e Manuel Passos Júnior que, isolando-a do contexto envolvente, valorizava a composição volumétrica da igreja e convento que, escondida por detrás de uma generosa varanda alpendrada, provocava, a par das arcadas do piso térreo, um interessante jogo de sombras – hoje dificilmente reconhecíveis. A dita fotografia evidenciava o vitral da fachada principal que substituiria as esculturas previstas nos diferentes estudos prévios. Esse vitral, em forma de cruz e com a representação de Cristo Rei, fora executado na oficina lisboeta de Ricardo Leone segundo desenho de Mário Costa, conforme confirmam a assinatura MC no vitral e o processo arquivado no Mosteiro da Batalha. O vitral era uma das intervenções artísticas que enriquecia o espaço de culto conventual, construído num sistema misto de perpianho de granito e



Estudo para vitral, Mário Costa, c.1950
Arquivo Ricardo Leone, Mosteiro da Batalha

Vitral de Cristo-Rei, 1953
Foto Carlos Castro, 2018

Escultura de Nossa Senhora do Rosário e
São Domingos, George Serraz, c.1954
Foto Hugo Casanova, 2018



betão armado. Ao nível da estatuária, destacamos a aquisição do conjunto de Nossa Senhora entregando o Rosário a São Domingos, um delicado múltiplo pigmentado de George Serraz, cuja produção francesa denuncia a inspiração art déco dos anos 1930 – anunciadora da modernidade na produção artística de matriz religiosa. Sob a tradicional cobertura de duas águas estavam reunidos todos estes elementos, numa igreja onde não faltavam trabalhos de cantaria, marcenaria e serralharia artística, dos candeeiros suspensos e do gradeamento, entretanto retirados, mas cuja memória ficou gravada nas fotografias existentes no arquivo da Ordem.

As intervenções de adaptação litúrgica pós Concílio Vaticano II, estudadas por diversos arquitectos, como Fernando Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães, acabariam por ser conduzidas e executadas segundo o projecto de Luiz Cunha, que formalizaria a transformação interior ditada pelo uso da igreja como sede paroquial. Foi no âmbito deste processo de adaptação às novas exigências da comunidade paroquial que, na década de 1990, viria a ser construído no lote do convento um edifício independente para acolher as múltiplas actividades pastorais. Acentuar-se-ia assim, ainda mais, a tensão entre diferentes linguagens e modelos arquitectónicos num mesmo lugar. Já outra fotografia de Teófilo Rego do início da década de 1950, não apresentada na referida exposição, evidenciava a coexistência de diferentes soluções contemporâneas: o projecto urbano de Fernando Távora para a praça; a proposta de Pereira da Costa para o bloco de serviços e habitação colectiva; o convento dominicano de Manuel Passos Júnior e Eduardo Reis.

Para fechar, recordem-se neste contexto as provocatórias palavras do estudante das Belas Artes, Carvalho Dias, publicadas a propósito da moderna arquitectura portuguesa no Porto :

“Não lhe agrada o ar lavado, arejado, da construção [do bloco de Pereira da Costa]? Não sente a esmagá-lo a vigorosa Verdade daquela estrutura de cimento armado, sem arrebiques supérfluos? Não sente a sobriedade, a estranha leveza do conjunto?

Vá lá vê-lo, quando ele estiver pronto, daqui a uns meses.

É ali para a Marechal Gomes da Costa, em frente à nova igreja dos Dominicanos. Vá lá, e aproveite para observar uma ou outra habitação moderna que já vai havendo.

E repare como o moderno, também pode ser português!”¹²

NOTAS

Religião, arquitetura e modernidade em Portugal

Paulo F. de Oliveira Fontes

¹ Sem nos determos no tema da modernidade, tomemos como ponto de partida a ideia proposta pelo sociólogo francês Jean Baudrillard, na entrada “Modernité”, no volume 11 (1974) da *Encyclopaedia Universalis*: «A modernidade não é nem um conceito sociológico, nem um conceito político, nem propriamente um conceito histórico. É um modo de civilização característico, que se opõe ao modo da tradição, ou seja, opõe-se a todas as outras culturas anteriores ou tradicionais: diante da diversidade geográfica e simbólica destas, a modernidade impõe-se como uma, homogênea, irradiando-se à escala mundial a partir do Ocidente» (tradução nossa). E, mais adiante, no mesmo texto, Baudrillard retoma de Harold Rosenberg a ideia de que o “moderno” é a “tradição do novo”. Por outro lado, e para se ultrapassar uma noção etnocêntrica da modernidade, no âmbito das ciências sociais, desenvolveu-se entretanto a ideia de que historicamente não há uma modernidade mas “modernidades múltiplas”, na senda do sociólogo israelita S. N. Eisenstadt.

² “Mundo moderno” é uma expressão muito em voga no catolicismo europeu, sobretudo após a II Guerra Mundial e que assinala, num primeiro momento, a consciência do diferencial prático existente entre a realidade doutrinal da Igreja católica e a realidade existencial ou prática vivida pelos cidadãos em geral, incluindo os cristãos, no seio das sociedades ocidentais, em acelerado processo de secularização e laicização das principais instituições sociais.

³ Cf.: COSTA, Paulo Alexandre dos Santos – A igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa e a arte moderna em Portugal. *Lusitania Sacra*. 12 (2000) 413-430; e CUNHA, João Alves da – A igreja de N. S. de Fátima, em Lisboa: novidade e tradição na arquitetura e liturgia de uma obra singular. In *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa: 75 anos*. Coord. de Natália Correia Guedes e José Manuel Fernandes. Lisboa: Igreja de N.S. de Fátima, 2013, pp. 67-87.

⁴ V. as dissertações de doutoramento: CUNHA, João Alves da – O MRAR e os anos de ouro na arquitetura religiosa em Portugal no século XX : a ação do movimento de renovação da arte

religiosa nas décadas de 1950 e 1960. Lisboa : Faculdade de Arquitetura, 2014; MARQUES, João Luís – A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitetura portuguesa 1950-1975. Porto: Faculdade de Arquitectura, 2017.

⁵ Cf. GOUVEIA, António Camões; NUNES, José, OP; FONTES, Paulo F. Oliveira – *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*. Lisboa: CEHR-UCP, 2018.

⁶ Ver: <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/DominicanosArteArquitetura/index.php/Site/videos>

⁷ Acerca desse programa e dos principais resultados, consultar: <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/DominicanosPortugal/>

⁸ Cf. CUNHA, João Alves da – *MRAR- Movimento de Renovação da Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. Lisboa: UCP Editora, 2015.

⁹ A este propósito, ver FONTES, Paulo – O catolicismo português no século XX: da separação à democracia. In *História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Vol. 3: *Religião e secularização*. Coord. de Manuel Clemente e António Matos Ferreira. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2002, pp. 129-351. Em especial, v. “Renovação pastoral e formação cristã: da catequese à reflexão teológica”, p. 214-218; e “Renovação pastoral e formas de expressão cultural: da arte sacra aos meios de comunicação social”, pp. 218-225.

¹⁰ Cf. COLÓQUIO “A Restauração da Província Dominicana em Portugal: Memórias e Desafios”, Porto, 2012 – Actas. Coimbra: Tenacitas, 2012.

¹¹ A citação do nº123 da Constituição Sacrosanctum Concilium, afirma: «A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim, poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados.» (CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Constituições, Decretos, Declarações e Documentos Pontifícios*. 10ª edição. Braga: Apostolado de Oração, 1987, p. 39.

¹² Consulte-se, por exemplo, as obras historiográficas do arquiteto José Manuel Fernandes e, em particular o seu

balanço acerca da presença da Igreja católica na cultura contemporânea de 1900, produzido para uma obra coletiva: FERNANDES; José Manuel – Arquitectura religiosa. In CRUZ, Manuel Braga da; GUEDES, Natália Correia (Coord.) – *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2000, pp. 11-41. Aí se afirma: «Pode dizer-se, pelo menos, ao longo destes 50 anos [da segunda metade do século XX], que a arquitetura religiosa assumiu o desafio de ser moderna – falhando ou não, isso é outra questão – e encarou esse desafio em inúmeras tentativas, evoluindo numa procura de qualificação e de diversificação de propostas.» (p. 12).

¹³ Para uma apresentação global da ideia e dos critérios de seleção, v. MARQUES, João Luís; CUNHA, João Alves da; MIRANDA, Paulo; CRUZ, Pedro Castro – Os Dominicanos e a arquitetura religiosa no século XX: uma história, quatro capítulos. In GOUVEIA, António Camões; et alt. – *Os Dominicanos em Portugal...*, pp. 229-235.

¹⁴ A este propósito, ver a obra do filósofo católico Charles Taylor – *A era secular*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.

¹⁵ Sobre esta questão, para o caso português ver o capítulo “Portugal entre tradição e modernidade: a dinâmica sociocultural dos anos 50”. In FONTES, Paulo F. Oliveira – *Elites católicas em Portugal: o papel da Acção Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011, pp. 78-88.

¹⁶ A necessidade desta reflexão não é nova. A título de exemplo, refira-se a realização do colóquio organizado para celebrar os 25 anos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa (cf. COLÓQUIO sobre Arquitectura e Arte Sacra, Lisboa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 16 e 17 de novembro de 1996 – *Novas igrejas de vários tempos*. Lisboa: Rei dos Livros, 1998).

Frades na renovação da arte e arquitetura: passos dominicanos França, Espanha e Portugal

João Alves da Cunha

¹ V. LAVERGNE, Sabine de- Art Sacré et Modernité. *Les grands années de la revue L'Art Sacré*. Namur: Éditions Lessius, 1992; CAUSSÉ, Françoise - Les rapports des Dominicains avec L'Art Sacré. *Architecture et Vie Dominicaine au XXe Siècle*. Paris: Les Éditions du CERF, 2000, pp.169-197.

² O arquiteto Nuno Teotónio Pereira, em carta datada de 24 de fevereiro de 1957 e dirigida a D. Francisco Rendeiro, Bispo de Faro, refere que a revista *L'Art Sacré* era, “deve dizer-se, a mais bem orientada publicação periódica de arte religiosa existente.”

³ Aquando da sua morte, a revista dedicou-lhe um número especial: Le Père Couturier, *L'Art Sacré*, 9-10 (1954). Naquele mesmo ano, o Pe. Régamey OP. deixou a direcção da revista, tendo sido nomeados como novos diretores os padres Augustin Cocagnac (1924-2006) e Marie-Robert Capellades, que apesar da controvérsia e das resistências de alguma hierarquia católica, continuaram a linha editorial dos seus antecessores, promovendo o trabalho de Le Corbusier e exibindo artistas como Rouault.

⁴ PORTAS, Nuno- *Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. Arquitectura*. 60 (1957) 22.

⁵ Evocando Le Corbusier na sua morte, a revista Boletim de Informação Pastoral publicou um artigo intitulado Le Corbusier, em que apresentou o projeto para uma igreja em Bolonha (que fora recusado em Firminy), acompanhado de imagens de Ronchamp e La Tourette. V. Le Corbusier. *Boletim de Informação Pastoral*. 44-45 (1966) 32-36.

Também a propósito da sua morte, ver ALMEIDA, Pedro Vieira de- Le Corbusier, um arquitecto coerente. *Colóquio – Revista de Artes e Letras*. 35 (1965) 14-17.

⁶ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa Moderna*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1957, p.44.

⁷ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa ...*, p.44.

⁸ Neste trabalho, Matisse foi assessorado por August Perret.

⁹ “Pela admirável qualidade do desenho e da pintura, pela harmonia da luz e da cor.”

¹⁰ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa ...*, p.41.

¹¹ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa ...*, pp.41-42.

¹² ATANÁSIO, Manuel Mendes- *Arte Moderna e Arte da Igreja*. Coimbra: MOP-DGSU, 1959, pp.211; 213-214.

¹³ ATANÁSIO, Manuel Mendes- *Arte Moderna ...*, p.214

¹⁴ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa ...*, p.40.

¹⁵ COUTURIER, Marie-Alain, OP - Le Corbusier – Ronchamp. *L'Art Sacré*. 11-12 (1953) 31.

¹⁶ PORTAS, Nuno- *Arquitectura Religiosa ...*, 23.

¹⁷ PORTAS, Nuno- Igrejas ou Garagens? *Encontro*. 5 (1956) 9.

¹⁸ CUNHA, Luiz- A igreja de Ronchamp. *Miriam*. 1 (1956) 19.

- ¹⁹ CUNHA, Luiz- A igreja..., 21.
- ²⁰ CUNHA, Luiz- *Arquitectura Religiosa ...*, pp.65-69.
- ²¹ ATANÁSIO, Manuel Mendes- *Arte Moderna...*, p.203.
- ²² ATANÁSIO, Manuel Mendes- *Arte Moderna...*, pp.204; 207.
- ²³ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Constituições, Decretos, Declarações e Documentos Pontifícios*. 10ª edição. Braga: Apostolado de Oração, 1987, p. 39.
- ²⁴ Espagne. *L'Art Sacré*. 11-12 (1953); Terre d'Espagne. *L'Art Sacré*. 9-10 (1956).
- ²⁵ Esta obra foi publicada em 1956 na revista *L'Art Sacré* dedicada a Espanha.
- ²⁶ PORTAS, Nuno- *Arquitectura religiosa ...*, 24.

Convento de Cristo-Rei, Porto

João Luís Marques

- ¹ PINA, Luís de – O Porto e S. Domingos [22.mar.1952]. *Cristo Rei- Boletim Religioso da Igreja de Cristo-Rei*. 1 (1952) 1.
- ² As irmãs Dominicanas do Rosário também se fixaram na zona ocidental da cidade onde, com o apoio do Dr. Francisco Sá Carneiro, criaram o colégio Jardim Flori, em Nevogilde em 1968.
- ³ Na VII Exposição Magna da ESBAP (1958) foram expostos os trabalhos do 'Curso especial' (4ª cadeira, 3ª parte) realizados por Carlos Chaves Almeida, Fernando Augusto Abrunhosa de Brito, João Hermenegildo Pestana, Mário Joaquim Borges, Sérgio Leopoldo Santos, Sílvia Baudouin Viana de Lima. Cf. *VII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Porto: Ministério da Educação Nacional e Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1958, p.15.
- ⁴ O trabalho de Pereira da Costa foi apresentado no Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA), em dezembro de 1952, e no ano seguinte foi licenciado pelas entidades camarárias e construído.
- ⁵ Na vizinhança foram construídas moradias projetadas por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Agostinho Ricca e José Carlos Loureiro.
- ⁶ MARQUES, João Luís – História de um projecto- igreja Nossa Senhora da Boavista. *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*. Porto: Uzina Books, 2015, p.154.
- ⁷ Para além do dr. José Nosolini presidente da comissão

angariadora de fundos integravam a comissão António de Sousa Machado, Edgar Lello, José Bacelar, Albano de Magalhães e José Moreira Rodrigues; a que se juntariam mais tarde, durante a obra, Luís de Pina, Daniel Barbosa, Álvaro de Magalhães e José Rodrigues Gomes. Apesar de não aparecerem os seus nomes nas comissões, salientamos a importância a participação feminina em todo este processo. Cf. CAMPOS, Abel de - Um pouco de história. *Voz de Cristo-Rei*, 1-6, (1980-1982).

⁸ Recordamos em particular os contributos no campo da arquitetura de diferentes projetos: Inácio Peres Fernandes, Fernando Távora e Luiz Cunha na capela do convento dominicano (Fátima, 1960, 1961, 1962-1965); Diogo Lino Pimentel na capela do seminário da Aldeia Nova (Ourém, 1964-1965); Alberto Camacho na igreja-salão de S. Domingos de Benfica (Lisboa, 1969-1973).

⁹ Cf. BANDEIRINHA, José (ed.) – *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Guimarães: Casa da Arquitectura, 2012, pp.276-277.

¹⁰ JÚNIOR, Carlos Teixeira da Costa e [Comissão Municipal de Arte e Arqueologia]-*Parecer ao ante projecto do convento de Cristo-Rei*. Porto: Arquivo CMP, 17.jun.1950.

¹¹ TÁVORA, Fernando – Entrevista a Fernando Távora. *Arquitectura*. (1971), 152.

¹² DIAS, Carlos Carvalho – II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto. *Flama*. (13.nov.1953), 11.

Igreja do convento de Nossa Senhora do Rosário, Fátima

Paulo Miranda

¹ A pintura de S. Domingos encontra-se atualmente no Museu Nacional do Prado.

² REBOLLO, Fr. Maximiliano OP - A Igreja representa a igreja-mãe de todas as igrejas, a Igreja de Latrão. A Bíblia representa a fonte dos atributos de Pregação e Espiritualidade de S. Domingos, Disponível em: <<http://www.dominicos.org/santo-domingo/iconografia/dominicana/santo-domingo-y-sus-simbolos>>.

³ “A arte não reproduz o visível, torna visível (...)” In KLEE, Paul - Confissões de um criador [1920]. *Escritos sobre Arte*. Lisboa: Cotovia, 2002, p.38.

⁴ Fernando Peres Guimarães, autor do projeto do Convento

Dominicano em Fátima (1952) e Presidente do Sindicato dos Arquitectos (1963-1965).

⁵ “Sabe perfeitamente pelos Padres Dominicanos que não quero continuar a ocupar-me dos seus assuntos e tenho imenso prazer que seja o colega que se encarregue do estudo da Capela, com a certeza de que a sua escolha será altamente proveitosa para a resolução do problema.” In PERES, Fernando - Carta manuscrita a Fernando Távora (Lisboa, 29.ago.1961). Espólio Fernando Távora, Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva.

⁶ “As paredes da torre projectada até ao solo impedem as cerimónias religiosas a desenvolver no altar. Se o Sr. Arquitecto tivesse assistido, por ex., a uma Missa Solene no nosso Rito, certamente teria procurado evitar isso...”. In VIEIRA, Alberto Maria, OP - Carta datilografada a Fernando Távora (Fátima, 10.set.1961), Espólio Fernando Távora, Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva.

⁷ Entrevista a Luiz Cunha conduzida por Paulo Miranda (Lisboa, 4.abr.2009).

⁸ CUNHA, Luiz - Memória Descritiva da Capela do Convento Dominicano de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. *INSRCD 3º estudo [R75_1226]*, (4.fev.1962), Espólio Luiz Cunha, ISCTE-IUL, Lisboa, p.3.

⁹ CUNHA, Luiz - Memória Descritiva..., p.3.

¹⁰ DUARTE, Marco Daniel - *Arte Sacra em Fátima. Uma peregrinação estética*. Fátima: Fundação Arca da Aliança, 2006, p.30.

¹¹ CUNHA, Luiz: Memória Descritiva..., p.4.

¹² Entrevista a Frei Bento Domingues OP conduzida por Paulo Miranda (Lisboa, 9.nov.2015).

¹³ Luiz Cunha fez a proposta aos Dominicanos e o então padre e arquiteto João de Almeida fez os contactos com Ferdinand Gehr.

¹⁴ “[Ferdinand Gehr] representa através de cores e formas que lhe são próprias, fruto de contactos com Matisse, Nolde e Arp”, DUARTE, Marco Daniel - *Arte Sacra...*, p.70.

¹⁵ Entrevista a Luiz Cunha conduzida por Paulo Miranda (Fátima, 14.jan.2012).

¹⁶ DUARTE, Marco Daniel - *Arte Sacra...*, p.134.

¹⁷ DUARTE, Marco Daniel - *Arte Sacra...*, p.36.

¹⁸ CUNHA, Luiz - Memória Descritiva..., p.5.

¹⁹ VENTURI, Robert - *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

²⁰ *L'Esprit Nouveau*, revista editada por Le Corbusier e Amédée Ozefant com o objetivo de renovar a arte e arquitetura. Publicaram-se 28 números entre 1920 e 1925.

²¹ “Não se pode afirmar que tenha sido um passo em frente, nem tão pouco atrás; diremos antes que foi ao lado.” In CUNHA, Luiz - Igreja de Ronchamp. *Miriam*. 1 (1956) 21.

²² Luiz Cunha executa simultaneamente um outro projeto, para a igreja de S. Mamede de Negrelos (Santo Tirso 1961-66). Projeto com matriz moderna, mas construído em granito e grandes perpianos da região.

Capela do seminário do Olival - Aldeia Nova, Ourém

João Alves da Cunha

¹ GRESLERI, Glauco; BEATRICE, Bettazzi M.: GRESLERI, Giuliano - *Chiesa et quartiere: storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*. Bologna: Editrice Compositori, 2004.

GRESLERI, Giuliano; GRESLERI, Glauco - *Le Corbusier: Il programma liturgico*. Bologna: Editrice Compositori, 2001.

² PIMENTEL, Diogo Lino - *Relatório referente ao 1º trimestre de estágio junto do Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra*. (Bolonha, mar.1960), pp.6-7.

³ PIMENTEL, Diogo Lino - *Relatório referente...*, p.7.

⁴ ALMEIDA, Pedro Vieira de - Capela do Seminário Dominicano do Olival – Crítica. *Arquitectura*. 100 (1967) 242.

⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de - Capela do Seminário..., 242.

⁶ SANTOS, Vítor Pavão dos - *O escaparate de todas as artes ou Gil Vicente visto por Almada Negreiros*. Lisboa: Museu Nacional do Teatro, 1993, p.66.

⁷ ALMEIDA, Pedro Vieira de - Capela do Seminário..., 242.

⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de - Capela do Seminário..., 242.

⁹ PIMENTEL, Diogo Lino - Capela do Seminário Dominicano do Olival – Resposta. *Arquitectura*. 100 (1967) 243.

¹⁰ Seminário Dominicano do Olival (Aldeia Nova, 1964-65). *ARA – Arte Religiosa Actual*. 26 (1970) 145-148.

¹¹ PIMENTEL, Diogo Lino - [Capela do Seminário do Olival], [Documento datilografado], Arquivo SNIP, (s.d.).1.



CATOLICA
CEHR - CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

BRAGA • LISBOA • PORTO

ÚSTA

Instituto São Tomás de Aquino